

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA VISÃO MONITORADA

Almirene Maria Vital da Silva SANT'ANNA
Dalva Pereira Barreto de ARAÚJO
Maria Rosane Passos dos SANTOS

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS
almirenes@hotmail.com
daubarreto@yahoo.com.br
rosaneuefs@hotmail.com

Resumo: Os estudos sobre letramento ainda se configuram como um desafio para os pesquisadores, pois estes ainda não definiram qual a dimensão desse evento no que concerne às práticas de socialização do saber. As práticas de letramento estão vinculadas à alfabetização e, ainda hoje, quando um tema é abordado, o outro também entra em pauta, visto que ambos estão imbricados, sendo difícil falar de letramento sem mencionar a alfabetização, tal a dificuldade em definir um e outro. Neste trabalho, far-se-á uma abordagem sobre os conceitos de alfabetização e letramento na visão de professores e coordenadores de escolas públicas de Feira de Santana. Para adquirir esses conceitos foram realizadas entrevistas em duas Unidades de Ensino com o propósito de investigar a noção desses profissionais a respeito do assunto e analisar se as Instituições de Ensino Superior fazem uma abordagem significativa sobre os temas citados. O resultado das entrevistas demonstra que tanto professores quanto coordenadores sabem a diferença entre alfabetização e letramento, mas não conseguem defini-los com precisão, uma vez que a forma como esses assuntos foram abordados não deu conta da amplitude dessas práticas.

Palavras-chave: letramento; alfabetização; conceitos.

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é apresentar a visão de professores e coordenadores a respeito de alfabetização e letramento e como o conceito desses eventos foi apresentado para eles.

Para obter os dados que fundamentam esse artigo, professores e coordenadores de duas escolas foram entrevistados e indagados sobre o conceito de alfabetização e letramento e como eles analisam a abordagem desses conceitos nas universidades, nos manuais de educação e nos livros didáticos.

Após esse primeiro momento, as respostas foram analisadas e comparadas para avaliar o nível de conhecimento dos entrevistados acerca do assunto e se havia alguma divergência de opinião entre os profissionais das diferentes escolas ou se as opiniões diferiam por causa da formação, uma vez que os professores são licenciados em Letras e os coordenadores em Pedagogia.

Os códigos utilizados para identificar as entrevistadas serão C1, C2¹ para as coordenadoras da escola 1 e C3 e C4² para as coordenadoras da escola 2; P1, P2³ para as

¹ C1 e C2 são profissionais do Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho em Feira de Santana (Escola 1).

professoras da escola 1 e P3 e P4⁴ para as professoras da escola 2, a fim de que seus nomes não sejam mencionados.

Esse trabalho está dividido em três partes: na primeira serão apresentados os conceitos de alfabetização e letramento; na segunda será feita uma abordagem sobre como, quando e porque surgiram esses conceitos e a relevância das entrevistas com base nessa abordagem; na terceira parte falar-se-á sobre a importância da alfabetização e do letramento para a sociedade. Por fim, serão apresentadas as considerações finais avaliando o papel das universidades na elaboração de um currículo que valorize esses conceitos e amplie as discussões para diversos segmentos da sociedade, buscando a valorização das tecnologias de ler e escrever, mas percebendo que apesar dessas tecnologias é preciso valorizar os diversos eventos de letramentos que estão muito além da sala de aula.

1 Letramento e Alfabetização: conceitos

Atribuir um conceito para os termos letramento e alfabetização não é uma tarefa tão simples diante da complexidade e variação que esses termos foram ganhando ao longo dos estudos que se enquadram neste domínio. Porém, a tentativa nesse artigo é descrever concepções sugeridas por alguns autores para o que seja cada prática.

De acordo com Soares (2002), no Brasil, o conceito de letramento tem uma relação estreita com o conceito de alfabetização, de modo que este tradicionalmente esteve relacionado ao ato de aprender a ler e escrever, à aprendizagem da língua escrita sem distinção entre uma aprendizagem inicial e o uso da escrita em diversas práticas sociais que o sujeito está inserido. Como alerta a mesma autora, há quem defenda que a alfabetização precede o processo de letramento e quem defenda o contrário, como ela, de que alfabetização e letramento são processos diferentes, mas indissociáveis.

Os estudos sobre letramento estão envolvidos numa perspectiva mais social de como a sociedade se organiza com o uso da escrita em suas práticas diárias sem se restringir necessariamente apenas ao domínio da leitura e escrita convencional, uma vez que é possível perceber práticas de letramentos em grupos analfabetos. Uma criança pode ter estratégias orais letradas antes mesmo de ter sido alfabetizada, pois quando ela é capaz de compreender, como exemplifica Kleiman (1995), o enunciado “Olha o que a fada madrinha trouxe hoje!”, ela está fazendo uma relação do texto escrito, o conto de fadas e assim está participando de um evento de letramento antes mesmo de saber ler e escrever.

Pode-se dizer, então, que a ideia de letramento abrange mais significação do que a habilidade de decodificar, o que permite introduzir o conceito de letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnológico, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995).

Durante as entrevistas, C2 ratifica a ideia de Kleiman e diz que letramento é o processo de saber ler e escrever. E, além disso, ter as condições para saber interpretar o mundo a sua volta, códigos, símbolos, textos diversos.

Street (2010), na perspectiva contrária de que as pessoas analfabetas possuem processo cognitivo inferior, têm seu desenvolvimento econômico prejudicado e suas relações de gênero pobres, assume outros conceitos teóricos que ficaram conhecidos como Estudos sobre o Letramento. Para tanto, o autor distingue dois diferentes modelos de letramento: o modelo

² C3e C4 são profissionais do Colégio Estadual Georgina de Mello Erismann (Escola 2).

³ P1, P2, são profissionais do Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho em Feira de Santana (Escola 1).

⁴ P3, P4 são profissionais do Colégio Estadual Georgina de Mello Erismann (Escola 2).

autônomo e o ideológico. O primeiro é usado para classificar letrado, restrito ao processo de aprender a ler e a escrever, preso aos conteúdos escolares. Como afirma Street (2010, p.36), “Presume-se, nesse modelo, que letramento é uma coisa autônoma, separada e cultural; uma coisa que teria efeitos, independentemente do contexto”. Já o modelo ideológico, leva em consideração as diferenças, os estágios de aprendizagem e é mais eficaz que o autônomo. Ele é responsável pelos recursos, elaboração de currículo, estratégias pedagógicas e também definem letrados de não letrados.

Independente de um modelo ou de outro, é de se considerar o risco em assumir apenas uma variedade, como assinala o autor citado acima, “as pessoas podem estar envolvidas em uma forma e não em outra, suas identidades podem ser diferentes, suas habilidades podem ser diferentes, seus envolvimento em relações sociais podem ser diferentes” (2010, p.37).

Não cabe dizer “letrado” e “não letrado”, “alfabetizado” e “analfabeto”, mas começar a atribuir significados às diversas atividades que já existem antes de qualquer avaliação para não incorrer no erro de achar que algum grupo é desprovido de letramento como espaços vazios que devem ser preenchidos, desconsiderando todo engajamento sociocultural do indivíduo. Os professores devem estar atentos aos diferentes usos de leituras e escritas que, muitas vezes, não são os mesmos dos alunos de camadas econômicas hegemônicas.

Nesse sentido, é necessário estudos e pesquisas numa vertente antropológica e etnográfica que contribuam para as discussões sobre o nível baixo de alfabetização e letramento dos alunos. O posicionamento etnográfico se justifica pela etnografia abordar o uso de teorias de cultura e práticas de disciplinas que usam teorias sociais, pois são justamente as práticas sociais que configuram o letramento. Assumir uma metodologia etnográfica, segundo Street (2010, p.46), é “observar, ouvir, descobrir o que está acontecendo, fazer algumas inferências e, então planejar algum material, o que nem sempre é compatível com a expectativa de quem financia a ação”. A escola deve, portanto, estar atenta à diversidade, ao contexto e, finalmente, construir um currículo a partir do que as pessoas sabem para que possa alcançar o sentido de alfabetização lançado por Freire (1976) como um processo real de democratização da cultura e de libertação.

2 Letramento e Alfabetização: visão comentada

O termo letramento foi incorporado no campo da educação brasileira, muito recentemente. A sua primeira utilização no Brasil parece ter sido, segundo Soares (2002, p.33), por Mary Kato em 1986, no livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”.

Mas por que surgiu essa palavra? A criação de novas palavras sempre está relacionada à inexistência de uma palavra que possa explicar algum fenômeno. Então, o que estava acontecendo no país para gerar essa necessidade?

Na década de 80, as taxas de analfabetismo e repetência eram muito altas no país. Essa realidade motivou inúmeras discussões sobre as concepções de alfabetização e as práticas sociais de pessoas consideradas analfabetas. Toda essa reflexão realizada na época sobre o analfabetismo tornou necessária a busca por uma palavra que expressasse o oposto à concepção da palavra analfabetismo, isto é, uma palavra que representasse o estado ou condição de quem, além de saber ler e escrever utilizasse a leitura e a escrita em suas práticas sociais. Isso se fez necessário diante da nova condição do povo, da nova demanda social. Essa nova situação compreendia além de saber ler e escrever, a utilização prática desses saberes na vida de cada indivíduo.

A esse respeito, Tfouni (2001) diz:

“A necessidade de se começar a falar em letramento surgiu, creio eu, da tomada de consciência, que se deu, principalmente entre os linguistas, de que havia alguma coisa além da alfabetização, que era mais ampla, e até determinante desta.”

Segundo Soares (2002), a palavra letramento é uma tradução do termo inglês *literacy*, originado do latim *littera*, que se refere à letra. A interpretação que a autora faz da palavra *literacy*, é a seguinte: “[...] *literacy* é a condição de ser letrado – dando à palavra ‘letrado’ sentido diferente daquele que vem tendo em português” (2002, p. 35). No Brasil a palavra letrado está relacionada à noção de pessoa erudita, versada em letras, e seu antônimo, iletrado, compreende a pessoa que não é erudita, que não possui conhecimentos literários. Todavia, o significado da palavra letramento, não condiz com os conceitos apresentados para letrado e iletrado. O significado do termo letramento vai além da escola e do processo de alfabetização, envolvendo processos sociais mais amplos.

O tema letramento, recente no contexto educacional brasileiro, nem sempre é compreendido em toda a sua abrangência pelos profissionais da educação. Supõe-se que a falta de conhecimento teórico sobre essa temática tenha gerado muitas dúvidas que, em sua maioria, se referem ao conceito e à proposta de letramento.

Partindo desse pressuposto, conversou-se com alguns professores de português e coordenadores pedagógicos, de duas escolas públicas de Feira de Santana, para saber qual o conceito que eles tinham sobre alfabetização e letramento. As respostas dadas, de uma forma geral, foram similares. Na primeira escola, os profissionais entrevistados definiram alfabetização como aquisição da escrita, decodificação e o letramento consideraram como um processo mais amplo do que a alfabetização, porém não sabiam definir essa abrangência.

Sobre alfabetização, P1 afirma que “alfabetizar é ensinar o aluno a ler e escrever”; P2 diz que “alfabetização é a formação baseada no ensino da língua, de modo que o aprendiz se torne apto a ler e escrever os termos linguísticos”. C1 conceitua alfabetização como “um processo de codificação das letras e números. É o aprender a ler e escrever”, enquanto C2 ratifica o mesmo conceito afirmando que “é o processo de conhecer as letras, saber ler e escrever. Decodificar as palavras”.

No que diz respeito ao letramento, P1 responde que “é algo que tem a ver com o cotidiano do aluno, ou seja, além de saber ler e escrever ele deve saber adaptar-se às demandas sociais, saber contextualizar, isso envolve a cultura e as relações sociais”; ainda para a mesma entrevistada, “o aluno deve ser exposto a vários tipos de gêneros textuais para tornar-se apto no processo de letramento”. P2 afirma que “o letramento é a formação baseada no conhecimento de mundo do aprendiz, o qual expressa seus saberes a partir de suas experiências e vivências”.

Para C1 “o letramento é o processo de aprendizagem ao longo da vida. É dar significado às letras e números. É ler e entender. É ter capacidade após sua alfabetização de interpretar, leituras e escritas, em toda a vida”.

Em outra Unidade Escolar, os professores e coordenadores entrevistados conceituaram alfabetização e letramento da seguinte forma: para C3, “letramento é um processo que perpassa a aprendizagem da leitura e da escrita durante a vida e funciona como um instrumento de construção e apropriação do conhecimento e da realidade em que vive”. Enquanto para C4 “o letramento compreende um processo maior que a alfabetização” embora não soubesse especificar a amplitude desse fenômeno.

Já para P3, “o letramento compreende o ato de ler e escrever com base na compreensão e leitura de mundo, mesmo sem o domínio da palavra. O letramento propõe novas formas de leitura e escrita”. Para P4, “o letramento vai além do processo de

decodificação e compreende a capacidade de interagir em atividades que envolvem leitura e escrita”.

No que se refere à alfabetização, C3 a conceituou como “um processo relacionado à aprendizagem da leitura e da escrita, a partir de um método”. Já C4 considerou a alfabetização apenas como “um processo de decodificação”.

Para P3, “a alfabetização trata da aquisição da escrita por um indivíduo, conhecimento das funções e estruturas da escrita e compreensão do processo de ensinar a ler e a escrever” e para P4, “a alfabetização possibilita uma leitura crítica da realidade, se constituindo como um instrumento de resgate da cidadania”.

Durante as entrevistas, nenhum dos profissionais se considerou seguro para dar as respostas, mas o fizeram com base em suas experiências e vivências com esses eventos.

Segundo esses profissionais, a grande maioria dos professores, colegas de trabalho, partilha das mesmas dúvidas em relação a esse tema. Alguns consideram o letramento um método didático que surgiu para substituir a alfabetização, outros acham que alfabetização e letramento são sinônimos, significam o mesmo processo e há outros ainda que não sabem como desenvolver uma proposta de trabalho com foco no letramento.

Esse desconhecimento, por parte dos professores de teorias de linguagem e temas inovadores no âmbito da educação, reflete uma deficiência dos programas dos cursos de Pedagogia e de Letras que os formam. Parece que os cursos universitários, em sua maioria, não acompanham a mudança paradigmática que a educação vem sofrendo ao longo das últimas décadas. A publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental e Médio, a implantação do sistema de avaliação do livro didático (PNLD), as avaliações externas dos alunos das escolas públicas (SAEB, ENEM, AVALIE), a obrigatoriedade do curso universitário para professores (LDB 9394/96), são exemplos das novas demandas que foram implantadas no sistema educacional brasileiro e que trazem novas exigências e deveres para os professores, embora os programas dos cursos universitários que ‘preparam’ esses profissionais, não acompanhem as inovações que vêm sendo implementadas nesse setor nas últimas décadas.

Portanto, considera-se primaz o papel da universidade na formação do professor e na exploração dos limites e potencialidades dos saberes sobre a linguagem. Para que essa instituição realmente cumpra a sua função, faz-se necessária uma reorganização dos currículos, tanto na universidade como nos cursos de formação do professor, tendo a prática social como o eixo central curricular e, por conseguinte, também do ensino. Essa transformação, através da perspectiva sócio-histórica e cultural da escrita em torno da prática social, implica na reorganização do ensino na universidade e também na escola.

3 Importância do letramento e da alfabetização na sociedade

Frequentes mudanças sociais motivam a criação de novas palavras e novos conceitos que deem conta das necessidades da população. Numa sociedade grafocêntrica, a criação de novos vocábulos surge para atender à demanda social, individual e profissional das pessoas. A sociedade valoriza o conhecimento das letras e considera que um indivíduo é alfabetizado quando domina a tecnologia da leitura e da escrita, considerando-a necessária para o desenvolvimento das potencialidades exigidas pela escola, pelo mercado de trabalho e pela sociedade como um todo.

O domínio dessa tecnologia torna o indivíduo apto para enfrentar os problemas do dia a dia? Saber ler e escrever é suficiente para garantir ao indivíduo o conhecimento necessário para desenvolver suas habilidades e demonstrar sua competência? Esses questionamentos têm como objetivo despertar o leitor para a visão equivocada veiculada até hoje de que o indivíduo

pode exercer sua cidadania quando tem noção de leitura e escrita. Os estudos sobre letramento abrem uma nova perspectiva a respeito da noção de alfabetizado e letrado que colocava o alfabetizado como quem detinha uma tecnologia e letrado aquele que tinha um conhecimento formal da norma padrão, a língua da literatura. Hoje, vê-se que só a alfabetização não consegue dar conta de toda noção de leitura e escrita, se esse conhecimento for fragmentado e baseado apenas na aprendizagem das letras, do mesmo modo que o conceito de letramento vai além de “estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita” (Soares, 2002, p.18)

De acordo com Kleimann (1995, p. 18), [...] o letramento significa uma prática discursiva de determinado grupo social, que está relacionada ao papel da escrita para tornar significativa essa interação oral, mas que não envolve, necessariamente, as atividades específicas de ler ou de escrever.

Letramento é, então, um fenômeno social que dá ao indivíduo a condição de se apoderar de um conhecimento que o faz modificar a realidade que o cerca, aliado ao conhecimento das tecnologias da leitura e da escrita, mas que vai além porque pode influenciar e não apenas sofrer influência.

O letramento não está restrito à instituição escolar, abrange todas as instituições das quais o indivíduo participa, mas quando aliado à alfabetização transfere para o educador e para a escola que, de acordo com Kleimann (1995, p. 20), “é a mais importante agência de letramento”, a responsabilidade pela aquisição do conhecimento, o desenvolvimento de habilidades verbais e analíticas, o pensamento crítico, a capacidade comunicativa. Ainda segundo a autora, a escola preocupa-se com apenas uma prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos, processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola, chamado por Street (2010) de letramento autônomo.

Freire (1990) afirma que para o educador, o ato de aprender é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. Essa é a proposta do letramento, preparar o indivíduo para refletir sobre o mundo do qual faz parte, em outras palavras, letramento ideológico.

Mas como o mundo vê o indivíduo que não lê e nem escreve? Ele também participa de eventos de letramento?

Para Soares (2002), um indivíduo pode ser analfabeto (não saber ler nem escrever), mas quando vive em contato com a leitura e a escrita e se envolve em práticas sociais, é parte de um mundo letrado. Como o letramento promove a mudança social, logo, liberta, e o sujeito livre modifica sua realidade e a realidade em seu entorno.

Como citado anteriormente, o letramento acontece em diversas instituições e não apenas na escola, no entanto, apesar do conceito de alfabetização estar claro para muitas pessoas, a noção de letramento ainda é pouco discutida. Os professores e estudantes de Letras e Pedagogia ainda têm uma visão fragmentada sobre o tema, uma vez que as discussões nas universidades são superficiais e não abrangem a magnitude que o tema exige. É importante que o espaço para essas discussões seja mais amplo, a fim de que todos tenham condição de participar de mais eventos de letramento e demonstrar suas potencialidades, desfazendo o mito que rodeia o conceito de letramento e o afasta de sua função social de acolher, e não afastar o indivíduo da sociedade que o cerca.

Ainda há muito preconceito a respeito do cidadão que não sabe ler e escrever, até ele mesmo se exclui e não admite sua condição de analfabeto, mas isso não o torna menos cidadão, nem impede que ele tenha conhecimentos superiores a quem sabe ler. Sua experiência de vida, o contato com pessoas letradas, a participação em eventos de letramento, o mundo de leitura que o cerca, tudo isso contribui para que seu conhecimento se expanda. A inabilidade nas tecnologias da leitura e da escrita não o exclui da vida nem do mundo e essa

consciência precisa ser de todos, dos que excluem e dos que se sentem excluídos, a fim de que essas diferenças deixem de existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão do que é letramento se realiza a partir do momento em que se analisam os diversos contextos culturais. Os variados ambientes apresentam diferentes formas de letramento que aparecem tanto na forma escrita, como nas ações provenientes do que foi escrito, vivido ou dito, ou seja, letramento é a compreensão dos fatos, a inferência desses e de outros fatos e as ações realizadas por um indivíduo dentro de diferentes contextos.

A alfabetização é o domínio da tecnologia da leitura e da escrita promovida pela escola e valorizada pela sociedade e pelos cidadãos.

Vê-se, entretanto, que a relação entre esses dois fenômenos tem abordagens diferentes tanto na escola como nas outras instituições educacionais nas quais esses temas são mencionados. A escola, por desconhecimento, faz uma abordagem fragmentada, as universidades que deveriam ter um conhecimento mais amplo sobre o assunto também fragmentam as discussões.

Todavia, na perspectiva dos Estudos de Letramento, a utilização da língua escrita não está limitada à forma reconhecida e legitimada, mas há inúmeras formas de utilizá-la nas diversas práticas sociais. (STREET, 1984; KLEIMAN, 1995; TFOUNI, 1995; SOARES, 2002).

Dessa forma, a partir de uma concepção pluralista e multicultural das práticas de uso da língua escrita, pode-se observar, na realização desse trabalho, que ainda existe uma lacuna entre a organização curricular das universidades, no que diz respeito aos cursos de formação de professores e a realidade vivenciada por esses profissionais, pois o conhecimento que alguns tinham a respeito do letramento foi adquirido em cursos de formação continuada realizados fora da universidade.

Assim, tendo em vista as novas demandas que lhes são impostas, acompanhadas das novas atribuições e deveres, torna-se necessário que a universidade forme os novos profissionais para as demandas atuais, também contextualizadas no mundo do trabalho, a fim de que as transformações e inovações apresentadas no sistema educacional brasileiro, prerrogativas da busca pela qualidade na educação, realmente sejam eficazes no seu propósito.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 10ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, P.; DONALDO, M. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2009.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. 5 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

STREET, B. V. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (Org.) **Cultura, escrita e letramento**. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2010.

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2001.